

## **O PROCESSO DE MUDA EM PINGÜINS DE MAGALHÃES (*Spheniscus magellanicus*) NO AQUÁRIO DE SÃO PAULO**

Mayla Feitoza Barbirato<sup>1</sup>; Laura Reisfeld<sup>1</sup>; Laura Ippolito<sup>1</sup>; Manuela Gonçalves Fraga Geronymo Sgai<sup>2</sup>; Cristiane Schilbach Pizzutto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Aquário de São Paulo – São Paulo - Brasil*

Mayla Feitoza Barbirato (barbirato.mayla@hotmail.com)

Laura Reisfeld (lauravet@aquariodesaopaulo.com.br)

Laura Ippolito (Laura@aquariodesaopaulo.com.br)

<sup>2</sup>*Departamento de Reprodução Animal – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade de São Paulo – Brasil*

Manuela Gonçalves Fraga Geronymo Sgai (manuelafraga@hotmail.com)

Cristiane Schilbach Pizzutto (cspizzutto@yahoo.com.br)

Todos os pingüins pertencem à ordem Sphenisciformes, a qual contém uma única família, Spheniscidae, com seis gêneros e dezessete espécies. São encontrados somente no Hemisfério Sul, e apesar de serem consideradas um símbolo Antártico, a maioria das espécies se distribui em ilhas subantárticas e costa sul da América do Sul. São altamente adaptados para a vida no mar, onde permanecem por cerca de 80% do seu tempo forrageando. Os outros 20% é em terra, que, apesar de pouco, representa a parte mais importante do seu ciclo de vida: a reprodução e a muda. Os pingüins realizam a troca de penas (muda) simultânea; esse processo ocorre gradativamente evitando o aparecimento de áreas nuas já que servem como isolante térmico. Os pingüins do gênero *Spheniscus* apresentam menor densidade de penas e menos gordura corporal que as espécies polares. As temperaturas ambientais aceitáveis para as espécies desse gênero são: de 3°C a 29°C para o ar e de 0°C a 29°C para a água. O Pingüim de Magalhães (*Spheniscus magellanicus*) é de médio porte, podem chegar a ter 70 cm de altura e pesar entre 3 a 6 kg. Alimentam-se através de viagens de forrageamento, principalmente de pequenas espécies de peixes, cefalópodes e crustáceos. Os Pingüins de Magalhães realizam uma muda por ano, no período que vai do início de fevereiro até meados de abril, quando geralmente os últimos indivíduos estão no final da troca de penas. Após a reprodução essas aves passam pelo período de pré-muda, onde fazem viagens de forrageamento para engorda. Ao voltarem para a colônia entram em jejum por em média 15 dias até completarem a troca total das penas, segue então, o período de pós-muda, onde iniciam a migração a partir do final de fevereiro até abril. Indivíduos juvenis ou imaturos sexualmente iniciam primeiro a muda, seguidos pelas fêmeas e por fim os machos adultos que se afastam da colônia após o fim do processo, entre março e abril. O Pingüim de Magalhães é a espécie de pingüim mais encontrada na costa brasileira. Sua distribuição vai da costa da Argentina, Chile e Ilhas Falklands (Ilhas Malvinas), onde se reproduzem. O objetivo deste trabalho foi descrever o processo de muda (pré-muda, muda e pós-muda) de cinco exemplares de Pingüins de Magalhães (*Spheniscus*

*magellanicus*), sendo 4 fêmeas e 1 macho, adultos, cativos e pertencentes ao Aquário de São Paulo, desde a sua chegada em julho de 2008 até março de 2010. Através do acompanhamento de peso e registros de observação do comportamento durante a alimentação, foi possível identificar quando os animais estavam em período de pré-muda; o período de início e fim da muda foi registrado a partir da queda das primeiras penas e terminando ao com a substituição total das mesmas; por fim o período de pós muda. Durante o período analisado, notamos a preferência de todos os pinguins por manjuba, exceto durante os períodos de pré-muda onde todos comiam, sem recusa, qualquer tipo de alimento oferecido. As condições ambientais do recinto Pinguinário estavam mantidas dentro das recomendadas pelo Penguin Taxon Advisory Group (2005). Durante o período estudado todos os pinguins entraram duas vezes em muda. O período de pré-muda foi caracterizado pelo aumento de apetite cerca de um mês antes do início da muda. O início da muda foi caracterizado pelo inchaço e perda das primeiras penas, que geralmente se deu em torno do bico e olhos seguida pela queda das demais penas e por fim, com quase toda substituição. Durante a muda, os animais perderam o apetite e não entraram na água. Notamos também mudanças no comportamento durante esse período, como aumento da agressividade (entre os indivíduos do grupo e com a equipe de tratadores), isolamento do grupo, maior sensibilidade durante os procedimentos onde era necessário contê-los fisicamente. Após a muda eles voltaram a nadar e se alimentar normalmente, já com a impermeabilidade das penas recuperada. A média de duração das mudas foi de 15,2 dias para a primeira e 15,7 dias para a segunda. O intervalo entre as elas foi de 6 a 7,5 meses, diferente do descrito com base em animais de vida livre que varia de 10 a 12 meses. Dos 5 animais, 4 entraram na primeira muda entre outubro e novembro de 2008 e na segunda muda entre junho e julho de 2009, enquanto 1 entrou na primeira muda em fevereiro de 2009 e na segunda em novembro de 2009. Diante dos dados deste trabalho acreditamos que seja necessário um empenho cada vez maior de Instituições que mantêm pinguins cativos, no que diz respeito a um bom manejo e preocupações focadas no bem-estar, para que estes animais possam desenvolver suas atividades fisiológicas, como o processo de muda, da mesma forma com que ocorrem em vida livre.